



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Por uma filosofia da educação latinoamericana: reflexões a partir da noção de estar em Rodolfo Kusch

Alonso Bezerra de Carvalho

Como citar: TASAT, J. A. El paisaje educativo en la américa negada. *In:* CARVALHO, A. B. de; BROCANELLI, C. R.; SANTOS, G. de S. (org.). **Pensamento Latino-Americano e Educação:** por uma ética situada. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 53-66.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-25-5.p53-66>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

POR UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
LATINOAMERICANA: REFLEXÕES A
PARTIR DA NOÇÃO DE ESTAR EM
RODOLFO KUSCH

Alonso Bezerra de Carvalho
UNESP/Marília

“O povo julga, por certo, conhecer algo fixo, pronto, permanente; na verdade, há em cada instante luz e escuro, amargo e doce lado a lado e presos um ao outro, como dois contendores, dos quais ora um ora outro tem a supremacia.” (NIETZSCHE, 1989, p. 76).

O professor e o aluno não existem. Usamos e atribuímos nomes às coisas, como se estas tivessem uma duração fixa, enfim, essencializamos a vida. É isso que nos ensina Nietzsche.

Inspirado pela provocação nietzschiana, a proposta neste texto é discutir e/ou apresentar um conjunto de ideias com o objetivo de articular e pôr em diálogo ou ressignificar a filosofia e a educação a partir de um lugar situado que é a América Latina. Para tanto, faremos algumas indicações quanto ao papel e à participação da Filosofia na constituição da cultura latinoamericana que, em um primeiro entendimento de nossa parte, pode estar associado à questão do *ser* e à formulação dos princípios racionais, tal como aparece na concepção filosófica de Parmênides. Para se contrapor ou estabelecer com a filosofia parmenídica retomaremos Heráclito que, com a sua ideia de movimento, nos leva a pensar não na concepção do ser, algo imóvel e estável, mas de um *estar*, que traz a percepção de algo em devir e transformação, que pode incluir o diferente. Trazendo para os nossos dias, a filosofia heraclitiana nos conduz a compreender a proposta do filósofo e antropólogo argentino Rodolfo Kusch, que fez profundas reflexões e suscitou ideias inovadoras acerca da possibilidade de se reconhecer um pensamento a partir do solo latinoamericano. Como considerações finais, apontamos algumas ideias para se pensar o que seria uma educação ou uma filosofia da educação a partir de uma nova compreensão e de um novo olhar para o espaço e o tempo que constitui a América.

Para os propósitos das nossas reflexões, aqui partimos da ideia de que uma nova forma de poder e de conhecimento pode ser compreendida se fizermos uma retrospectiva acerca da noção de *ser* que o pensamento filosófico formulou ao longo de sua história. Aqui daremos atenção às ideias de Heráclito e de Parmênides, filósofos gregos que, juntamente com outros, procuraram responder à questão acerca do *ser*. Se ainda não é possível encontrar neles uma proposta metafísica e racional com todos os seus desdobramentos epistêmicos, éticos e políticos, podemos tomá-los como ponto de partida para a compreensão e problematização das temáticas e ideias advindas posteriormente, como é o caso da tentativa de implementação de um processo de universalização de verdades, valores, crenças e ações em nosso continente.

HERÁCLITO E A IDEIA DE VIR-A-SER

Nascido na ilha de Éfeso na Grécia, Heráclito (540-480 a.C) é considerado um dos mais originais filósofos da antiguidade, chamando

para si os problemas mais polêmicos e as mais difíceis questões do seu tempo e enfrentando-os com audácia na busca de respostas. O seu projeto filosófico insere-se no debate acerca da questão de se há uma unidade permanente e universal, como exigência da razão, ou uma pluralidade e mutabilidade das coisas particulares e efêmeras, como atestam os sentidos. Heráclito e seus colegas gregos perguntavam-se se há uma norma universal fixa que dirige todos os acontecimentos singulares, de maneira a haver uma harmonia do universo acima das visíveis contradições, oposições e conflitos do mundo fenomênico.

A perspectiva que ele defende se funda na ideia de que a realidade manifesta-se como um fluxo perpétuo de todas as coisas que a constituem. “Nada permanece estável, imóvel, mas tudo muda, tudo se transforma sem cessar e nada escapa a esse fluir perene e universal [...] A única coisa que permanece inalterável é a própria mudança, o movimento. A realidade, portanto, é essencialmente processo.” (SANTOS, 2001, p. 87).

Em grande parte de seus fragmentos essa ideia está bastante clara, explicitando a percepção de que tudo, sem exceção, participa de um contínuo e inexorável processo de mudança inestancável e universal. Nos parece que isto fica bem evidente quando diz:

Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo, acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas (...) Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo. Dispersa-se e de novo reúne; compõe-se e desiste; aproxima-se e afasta-se (...) Nos mesmos rios entramos e não entremos; somos e não somos (HERÁCLITO, 1989, p. 56-60).

A metáfora do rio que muda a todo instante exemplifica a noção de ser heraclitiana, pois o rio, embora tenha uma aparência de imutabilidade, na verdade, há um fluir permanente. As águas que o compõem são fluentes, correm sempre e tampouco são as mesmas. “Tudo flui (*panta rei*), nada persiste, nem permanece o mesmo”. O mesmo ocorre com o ser humano que nelas entra, pois ele também está mudando permanentemente. Não há, no desenrolar do seu viver, a possibilidade de fazer duas experiências idênticas. Todas as coisas, indistintamente, portanto, são e não são ao mesmo tempo.

A esse processo Heráclito chamou de devir ou vir-a-ser, do qual participam todas as coisas que existem realmente. O vir-a-ser é, na sua estrutura, permanente conflito dos contrários que se alternam, é luta constante entre um contrário e outro, uma guerra que torna possível a existência das coisas. O vir-a-ser é a essência da *physis*, isto é, da natureza, do cosmos.

Haveria um *logos* que orienta o vir-a-ser, isto é, um verdadeiro princípio que rege a totalidade do real, a norma que governa o mundo. E a harmonia (unidade profunda) daí derivada resulta no equilíbrio dinâmico das tensões entre os contrários. “Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia”, diz Heráclito em um dos seus fragmentos.

A alegria só perdura no espírito daquele que a concretiza, na medida em que esta disposição sobreviva à luta contra a tristeza inerente à condição humana [...] Trata-se, portanto, de uma harmonia tensa (luta entre pólos opostos) e não de uma harmonia estática. (SANTOS, 2001, p. 89-90).

Além da metáfora do rio, Heráclito considera o fogo como a representação ou o símbolo desse processo. O fogo é como se fosse a manifestação empírica do *logos*, isto é, uma substância originária (*archê*), substrato e fundamento de todas as coisas. Por própria natureza, ou seja, por sua capacidade de perpétua mudança, de transformação, de contraste e harmonia, o fogo é o que melhor se presta a cumprir essa função de elemento que se muda em todas as coisas. Tudo deriva do fogo e a ele retorna oportunamente, ou como diz Hegel, comentando Heráclito:

o fogo é o tempo físico; ele é esta absoluta inquietude, absoluta dissolução do que persiste – o desaparecer de outros, mas também de si mesmo; ele não é permanente. Por isso compreendemos (é inteiramente consequente) por que Heráclito pode nomear o fogo como o conceito do processo, partindo de sua determinação fundamental [...] O fogo, enquanto o metamorfosear-se das coisas corpóreas; é mudança, transformação do determinado, evaporação, transformação em fumaça [...] devir, seria o incorpóreo e sempre fluido. (HEGEL, 1989, p.68).

Portanto, Heráclito não despreza o *logos*, mas o define e o compreende em uma perspectiva que considera e inclui o movimento, a incompletude, a mudança, de maneira a se tornar um dos primeiros filósofos que delimita e propõe não apenas um projeto filosófico, mas forma uma tradição com herdeiros até os nossos dias. Em sua doutrina, o *logos* é aquilo segundo o qual tudo acontece; é o pensamento que tudo dirige; é a razão universal, é o uno que tudo governa, fazendo com que o devir não aconteça de uma forma desordenada, confusa e ao acaso. Como o fogo, que acende e apaga sob medida, e como elemento constitutivo de tudo, o *logos* produz um universo que é o cosmo (e não o caos), que é equilíbrio dinâmico, inteligível e compreensível porque racional.

Cometendo o pecado de ir contra ou não conceber o princípio da contradição, Heráclito “negou, em geral, o ser”, conforme afirma Nietzsche. “Não vejo nada além do vir-a-ser”, diz o filósofo de Éfeso. Parafrazeando essa ideia: “não vejo nada além do estar, ou “do estar no más”, como defende Rodolfo Kusch. Mas antes de chegarmos a Kusch, vejamos a posição de Parmênides.

PARMÊNIDES E A QUESTÃO DO SER E OS PRINCÍPIOS RACIONAIS

Sabe-se que Parmênides é originário da cidade de Eléia, na Grécia antiga, e que hoje corresponderia à região de Salerno, na Itália, e que nasceu por volta de 530 a.C. e morreu por volta dos anos 460 a.C, embora não se tenha muita segurança quanto a isso. Seu projeto filosófico, de certa maneira, se opõe à proposta heraclitiana, pois introduz uma nova perspectiva na tradição reflexiva grega, levando às últimas consequências uma visão monista da realidade. Nega, de maneira peremptória, a possibilidade do movimento, da mudança e da multiplicidade e propõe que existe uma única realidade – o Ser -, que não pode ser transformado.

O Ser, dizia Parmênides, é o *logos* porque sempre idêntico a si mesmo, sem contradições, imutável e imperecível. O devir, o fluxo dos contrários, é a *aparência* sensível, mera opinião [*doxa*] que formamos porque confundimos a realidade com as nossas sensações, percepções e lembranças. A mudança é o *não-ser*, o nada, impensável, indizível. O pensamento e a linguagem verdadeira só são possíveis se as coisas que pensamos e dizemos guardarem a

identidade, forem permanentes, pois só podemos dizer e pensar aquilo que é sempre idêntico a si mesmo. (CHAUI, 2003, p. 105).

Nesse sentido, é que podemos considerar Parmênides como o primeiro filósofo que reconhece a Razão como o único instrumento válido para se chegar ao conhecimento verdadeiro, ou seja, à totalidade do real, absoluta e integral.

Não é possível nenhuma outra realidade e, sobretudo, o devir, a mudança e o movimento defendidos por Heráclito, pois esses são, definitivamente, inadmissíveis. Partindo dessa asserção e praticando um extraordinário exercício de dedução lógica, isto é, usando apenas a razão (sem a intervenção dos sentidos), Parmênides, deduz tudo o que se pode afirmar sobre o Ser (única realidade), negando validade ao que se conhece através dos sentidos (opiniões), que só dão conta das aparências. Parmênides não faz concessões: ou uma coisa existe ou não existe. Se já existe, não pode vir a existir. Não teria sentido. Se não existe, também não pode vir a existir, visto que, do nada (do não-ser, do não-existir), nada pode provir. (SANTOS, 2001, p. 63).

Portanto, Parmênides pode ser considerado como o primeiro filósofo que faz da Razão a dimensão mais importante do homem, pois é por meio dela que podemos pensar e conhecer de maneira formal e abstrata a realidade, distanciando-nos das coisas físicas e sensíveis. Para ele, “pensar e ser são uma só e mesma coisa”, porque só o ser (única realidade) é objeto do pensamento e, sem o ser, não haverá o que pensar, nem como expressar o pensamento. Sendo assim, não tem o menor sentido pensar o nada (o não-ser). Apenas a Razão pode dar ao filósofo novos olhos para ver em profundidade o mundo real, verdadeiro, como ele é, enquanto os sentidos são impotentes para esse nível de conhecimento, pois estão eivados de enganos e falsidades: uma coisa não pode ser e deixar de ser, ao mesmo tempo, sob o mesmo aspecto. O Ser, captado pela Razão, é o absoluto pleno, eternamente presente, imutável, uno, necessário e imperecível. A verdade é o ser e a multiplicidade; a mudança, por sua vez, é só aparência e ilusão. Num fragmento: “o Ser é, e o não-ser não é”.

É do projeto e da doutrina racionalista parmenidiano que surgem os princípios racionais: o princípio da identidade, da não-contradição, do terceiro excluído e da causalidade. É por meio destes princípios que conhecemos a realidade; são como leis e regras que empregamos e respeitamos para pensar e conhecer as coisas. O princípio da identidade tem o seguinte enunciado: “A é A” ou “O que é, é”. Isto é, uma coisa só pode ser conhecida e pensada se for percebida e conservada com sua identidade. O princípio da não-contradição, por seu lado, enuncia a seguinte regra: “A é A e é impossível que, ao mesmo tempo e na mesma relação, seja não-A”. Isto significa que as coisas e as ideias contraditórias são impensáveis. “A é ou x ou y e não há terceira possibilidade”, este é o enunciado do princípio do terceiro excluído, que nos ajuda a decidir acerca de um dilema – “ou isto ou aquilo” -, no qual as duas alternativas são possíveis e cuja solução exige que apenas uma delas seja verdadeira. Por fim, o princípio da causalidade que enuncia: “Dado A, necessariamente se dará B”. E também: “Dado B, necessariamente houve A”, enfim, tudo que existe e tudo que acontece tem uma razão (causa ou motivo) para existir ou para acontecer, e que tal razão (causa e motivo) pode ser conhecida pela nossa razão; esse princípio afirma a existência de relações ou conexões internas entre as coisas, entre fatos, ou entre ações e acontecimentos.

Essas leis que devem reger o nosso pensamento se revestem de características que são indispensáveis e fundamentais para se chegar ao que é verdadeiro. *Formais*: indicam como as coisas devem ser pensadas, mas não nos dizem quais coisas nem quais conteúdos que devemos ou vamos pensar; *Universais*: onde houver razão, em todo tempo e em todo lugar, esses princípios são verdadeiros e devem ser empregados e obedecidos por todos; *Necessários*: indispensáveis para o pensamento, a vontade, as coisas, os fatos e os acontecimentos, indicando que algo é assim e não pode ser de outra maneira.

A seguir apresentamos algumas ideias do filósofo e antropólogo argentino, Rodolfo Kusch, que se situa nesse debate que fizemos até agora, segundo a nossa compreensão, no horizonte do projeto elaborado por Heráclito. Para Kusch, ao invés de pensarmos a partir do *ser*, que tudo quer apreender e conhecer, que tal nos deslocarmos e olharmos o mundo a partir do devir, ou como ele denomina do *estar sendo*?

RODOLFO KUSCH E A AMÉRICA PROFUNDA: A NOÇÃO DO ESTAR E A EDUCAÇÃO

A antropologia filosófica de Rodolfo Kusch procura indicar outros caminhos tanto na crítica à razão ocidental quanto no processo de compreensão e diagnóstico da cultura latinoamericana. Articulando essas duas posturas intelectuais e investigativas, ele procura mapear, de fato, o que é histórica e culturalmente específico dos povos que habitam esse outro lado do mundo. Kusch busca, entre outros objetivos, destacar a presença de um pensamento novo, arraigado nas manifestações da cultura popular e americana. Se a marca do Ocidente é universalizar os seus valores, suas crenças e pensamentos, talvez pudéssemos nos exercitar no sentido de demarcar o que nos é específico, sobretudo a partir do lugar que “estamos sendo”, que é o continente latinoamericano.

Se o pensamento racionalista de influência europeia e de matriz parmenídica dominou a instauração e a interpretação de nossa cultura, trata-se de desconstruir essa estrutura lógica que se colocava como superior, em detrimento das culturas autóctones e indígenas americanas. Na base das reflexões kuschianas está a ideia de que a racionalidade ocidental se centraria no *ser*, no ente, na coisa, enquanto a racionalidade indígena se fundaria no *estar*, no domicílio, no habitat. Adotando modos de observação próprios da ciência antropológica, foi a campo aprofundar suas intuições no sentido de se pensar e extrair uma filosofia autenticamente americana. Segundo Kusch, a experiência americana havia gerado uma situação ontológica e epistemológica única, que ele a caracterizava como um predomínio do “estar” sobre o “ser”.

O pensamento racionalista europeu ao negar ou desconsiderar por completo o pensamento americano transforma-o em um objeto sem vida e sem história, restando-nos construir um movimento de resistência e de autoafirmação, na busca da emancipação dos discursos e práticas que nos impedem de expressar nossa própria cultura de maneira integrada e autônoma.

Para Rodolfo Kusch, o medo que sentimos e experimentamos de ser nós mesmos é resultado do medo inicial em pensar sobre quem somos nós. Isso deriva, segundo ele, de uma dificuldade, para dizer o mínimo, em possuímos a nossa própria técnica para pensar, ou melhor, para filosofar.

Poderíamos mesmo dizer, para educar, tendo em vista que adotamos perspectivas pedagógicas de além-mar. “El estancamiento del filosofar [ou do educar] entre nosotros, la imposibilidad de adelantar, o emprender un filosofar, se debe seguramente como suele decirse a una ausencia de técnica para ello.” (KUSCH, 2000, p. 9).

O pensar popular, característica marcante do pensamento americano, não requer uma técnica ou uma lógica que nos levaria a um saber que dissesse o *como* as coisas são. Pretendendo captar o “*qué*” das coisas, no pensamento americano o fundamental é o sentido, o conteúdo e não a forma, como tem feito o pensar europeu. “Volviendo al filosofar, el problema intrínseco de esta actividad no es de mera técnica, o sea del *cómo*, sino también de un *algo* que se constituye [...] El pensamiento culto [europeu] invierte la dirección, en vez de apuntar al algo del decir, apunta el *cómo*.” (KUSCH, 2000, p. 10). Kusch crê que é necessário um equilíbrio entre conteúdo e forma, de tal maneira que possamos desfeticizar a técnica e a lógica que promete o progresso como consequência e que tem marcado, inclusive, a educação burguesa, ao fundamentar o ensino na ideia do progredir e do avançar, ou seja, em uma concepção de razão que considera tudo passível de ser dominado, controlado e previsto.

Se enfrenta al caos para encontrar lo previsto. Y para garantizar esto se usan técnicas. Con esto se mata el tiempo, porque se sustrae la posibilidad de la novedad. Se pierde el miedo a que lo que aparezca sea otra cosa. De ahí nuestra educación. Se educa a los jóvenes para pre-ver, ver antes, saber ya lo que se da, y así detener el tiempo, evitar el engorro [peso] del sacrificio. (KUSCH, 2000, p. 12).

Segundo Kusch, o que temos visto na América é um grande desnível entre o que este continente era e o que o Ocidente trouxe. De um lado, o inferior, o inútil e, de outro, o superior e o útil, que tem como objetivo o progredir, o ascender, o *ser* alguém, não importa a que custo e a que preço.

Ser alguien implica el *afán* de serlo y ese *deseo* se identifica, en este contexto, con el *progreso*, con la sustitución de los frutos por (la *acumulación* de) simples cosas, con la obsesión de *sumar objetos*. Así, la *perfección del ser*, en última instancia, implica *tener* [...] El *individuo* busca la *perfección* y ésta se identifica con un *afán de*

progreso infinito relacionado con los *objetos*, un *progreso* que implica la *negación del viejo deseo de mínima* que simplemente pretendía *conservar la vida*, comprometido con el *mero estar*. (CULLEN, 2003, p. 53).

Influenciados por essa visão europeia, não suportamos o medo e o *estar*, pois isso nos angustia, diferentemente do indígena, que ao sentir medo recorria aos bruxos em busca de ajuda. Para eles, assumir nossa dimensão humana é viver ao nível da terra e enfrentar nossos temores. Para nós, isso não é suficiente, pois queremos tudo claro, esclarecido e passível de ser compreendido pela razão. É como se houvesse um imperialismo da racionalidade que, na verdade, revela a nossa fraqueza e impotência frente à totalidade daquilo que deveríamos pensar. Somos incapazes de simbolizar ao pensarmos em termos ocidentais, pois queremos reduzir tudo a uma relação de causa e efeito, isto é, ao princípio de causalidade.

[...] Ni lo que llamamos cultura nos brinda un saber total [...] Cultura cotidianamente, supone un saber de libros y de datos igual que en caso de la ciencia. El mejor ejemplo es la librería. Entrarnos en ella y siempre sentimos nuestra inferioridad frente a tanto saber volcado en el objeto libro. Seguimos viviendo la enciclopedia científica a nivel de cultura. Se piensa que ese saber acumulativo que se da en la enseñanza y que se cristaliza en la librería es una ventaja del siglo [...] Lo que en el siglo XX se llama cultura, se reduce entonces a un simple fetichismo. (KUSCH, 2000, p. 22).

Diante desse quadro, podemos constatar em nossa sociedade americana uma dupla polaridade: de um lado, o “*estar no más*” e, de outro, o “*ser alguien*”, conforme expressões kuschianas. Ou seja, vivemos uma rara mescla de um não saber da vida íntima ou cotidiana e um saber enciclopédico e acadêmico.

Esta ideia de estar no mundo e nada mais (“*estar no más*”, “*estar siendo*”) seja como uma característica da cultura americana, seja como uma crítica à razão ocidental, como propõe Kusch, nos leva a regressar à história da própria filosofia, que hipervalorizou a razão esclarecida em detrimento de outras dimensões humanas, como a dimensão passional.

Na perspectiva kuschiana, podemos concluir que a postura de não levar em conta as paixões humanas, o não-ser, o devir, o sentimento de medo como um contraponto ou outro lado da razão ou do ser, é desconsiderar um estado original que precisa ser olhado em sua singularidade e profundidade. Segundo Kusch, americanizar a filosofia é fazer uma reflexão sobre o conteúdo da própria consciência, em que o sujeito não pode ir mais além de sua vivência, pois é um sujeito fusionado no mundo. Para tanto, temos que considerar o solo que habitamos, que é o lugar que sustenta a vida e é seu apoio espiritual. A cultura tem que ter uma margem de arraigo, ser considerada como situada em um espaço geográfico. É do solo que emerge toda uma cultura e toda uma maneira de ser, de pensar, de agir e de falar, enfim, um *ethos*. Por isso a ideia de uma geocultura do homem latinoamericano.

Detrás de toda cultura está siempre el suelo [...] Y ese suelo así enunciado, que no es ni cosa, ni si toca, pero que pesa, es la única respuesta cuando uno se hace la pregunta por la cultura. Él simboliza el margen de arraigo que toda cultura debe tener [...] No hay otra universalidad que esta condición de estar caído en el suelo, aunque se trate del altiplano o de la selva. De ahí el arraigo y, peor que eso, la necesidad de ese arraigo, porque, si no, no tiene sentido la vida. (KUSCH, 2000, p. 109-110).

Portanto, o solo, as paixões, o medo, os sentimentos, o aqui e o agora e o devir de nossas vidas, são as características centrais para se pensar e compreender a singularidade da cultura latinoamericana: é o “estar sendo” como estrutura existencial e como decisão cultural. Diferente do “ser” que define, que coloniza, que ignora a diferença e que faz referência à essência, o “estar” assinala e aponta a condição, o modo exterior de *tudo aquilo que existe* (ente), sem preocupação com uma interioridade, universalidade e imutabilidade.

Segundo Kusch, o horizonte simbólico americano destaca o predomínio do *estar*, do “estar sendo”, o que implica mais do que aquilo que é enunciado ou dito pelo *ser*; é um viver puro, é estar domiciliado e “prendido a un suelo que se da como inalienable” (KUSCH, 2000, p. 238). Ao desconsiderarmos isso revelamos a nossa própria inautenticidade.

Nuestra autenticidad no radica en lo que Occidente considera auténtico, sino en desenvolver al estructura inversa a dicha autenticidade, en la forma “estar siendo” como única posibilidad [...] Sólo el reconocimiento de este último dará nuestra autenticidad. (KUSCH, 2000, p. 239).

Isso quer dizer, explica Kusch, que nas culturas ocidentais, e que é bem manifesto na América, o *ser* se sobrepôs ao *estar*, conquistando-o, colonizando-o. Porém, a trajetória do *estar* se confunde com o caos de um mundo que angustia, de um “mundo que é assim” e que deve ser contemplado e vivido, não no sentido de um progresso e de explicações científicas, simplesmente.

Se de um lado, o mundo do *ser europeu* aparentemente resolveu o problema da hostilidade e do medo que o mundo oferece, por meio da teoria e da técnica, por outro lado, o mundo do *estar americano* não supõe uma superação da realidade, mas faz uma invocação a ela, colocando-a e colocando-se frente a ela. Enquanto o Ocidente cria a ciência e a educação para se contrapor e enfrentar o medo, o devir, o mutável, etc., o indígena se mantém em sua “magia”, em seus rituais, conservando a realidade do mundo, limitando-se a interagir com a natureza, retirando dela o melhor proveito, mas com um profundo respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inspirados nessas reflexões que talvez seja necessário assumirmos uma maneira de pensar e de agir, inclusive no campo da educação, a partir daquilo que foi negado pela positividade ocidental. A perspectiva que se tem adotado e o que se tem ensinado nas escolas é uma visão da América distante daquele mundo vivido por seus primeiros habitantes e que foi ao longo do tempo destruído, desconsiderado e soterrado, pois está fundada em um pensamento totalizador e colonizador e em uma superestrutura idêntica para todos os sujeitos, suprimindo as diferenças. “Es la América que lucha en contra de la borradora de lo humano y del sujeto dador de sentido y símbolos.” (CHELINI, 2012, p. 5).

Neste sentido, para edificar um novo pensar e um novo agir pedagógico, talvez seja necessário nos contrapor aos impulsos individualistas

do *eu moderno*, de matriz cartesiana, e refletir sobre um *nós* que não seja metafísico e nem abstrato, mas arraigado em suas origens, situado na terra e em suas raízes. Isso significa dar um passo atrás, voltar a um estado embrionário que, como uma semente que cresce, possa dar frutos, enfim, uma semente que germina sem determinismos e que se compromete com o mundo a partir de um “estar sendo”.

La cultura significa lo mismo que cultivo. Pero no sabemos qué cultivar. No sabemos dónde está la semilla. Será preciso voltear a quien la está pisando. Pero pensemos también que esa semilla está en nosotros. Es lo que me quiso decir aquel brujo de Tiahuanaco. *Ucamau mundajja*, “el mundo así es”. La semilla está de este lado del mundo. Realmente un brujo indígena sabe de estas cosas mucho más que nosotros. Nosotros sólo sabemos alfabetizar. Es un papel muy pobre. Tendríamos que decidirnos por el brujo indígena. Hagámoslo por América. (KUSCH, 2000, p. 111).

Isto significa valorizar e retomar o tema do devir, do não-ser, do medo, dos gestos culturais que na América são bastante manifestos, o que seria uma oportunidade para expressarmos e edificarmos novas instituições e práticas que garantam um *ethos* americano, que considera o povo como fonte e riqueza de um novo núcleo existencial.

Pensar, resistir e viver, esse é o chamado! É considerar a nossa América em sua cotidianidade. Ou como dizia Kusch, em sua *fetidez* e não em sua *pulcritude*. Fetidez e pulcritude são dois modos de se encontrar na América. O primeiro aponta a dimensão mítica e telúrica da América – América profunda; enquanto o outro aponta a razão como ferramenta para a planificação técnica do mundo e a estruturação social através de um contrato – América da superfície. Ambas categorias permitem desmascarar a maneira de operar do pensamento ocidental pela qual a *fetidez* se apresenta como barbárie e selvageria que deve redimir-se em nome de uma *pulcritude* que restitua o ser, o progresso e a civilização.

[...] La categoría básica de nuestros buenos ciudadanos consiste en pensar que lo que no es ciudad, ni prócer, ni [...] pulcritud no es más que un simple hedor susceptible de ser exterminado. Si el hedor de América es el niño lobo, el borracho de chicha, el indio rezador o el mendigo hediento, será cosa de internarlos,

limpiar la calle e instalar baños públicos. La primera solución para los problemas de América apunta siempre a remediar la suciedad e implantar la pulcritud [...]. (KUSCH, 1975, p. 12-13).

Portanto, entre as concepções heraclitiana e parmenídica de mundo, penso que a proposta de Kusch caminha na direção da primeira, pois olha para o real e a vida em seu dinamismo e em sua profundidade. Sem deixar de lado o caráter aborígene que marca e edifica a cultura latinoamericana, o desafio está em repensar e construir uma educação que esteja próxima desse mundo e dessa história que fora suplantado, violentado e em muitos aspectos destruído no processo de colonização e de domínio ocidental-europeu.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.
- CHELINI, M. E. J. Kusch y la posibilidad de un nuevo pensar desde el “estar” americano. *FAIA*, Ciudad de Buenos Aires, v.1, n. 1, p. 1-7, 2012.
- CULLEN, C. *Rodolfo Kusch: esbozo de una dialéctica de la subjetividade*. Buenos Aires: UBA, 2003.
- HEGEL, G. W. F. Fragmentos, doxografia e comentários. *In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS*. Tradução de José Cavalcante Souza e Anna Lia Amaral São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os pensadores, v. 1).
- HERÁCLITO. Fragmentos, doxografia e comentários. *In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS*. Tradução de José Cavalcante Souza e Anna Lia Amaral São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os pensadores, v. 1).
- KUSCH, R. *América Profunda*. Buenos Aires: Bonum, 1975.
- KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. *In: KUSCH, Rodolfo. Obras Completas*. t. 3. Rosário: A. Ross, 2000.
- NIETZSCHE, F. Fragmentos, doxografia e comentários. *In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS*. Tradução de José Cavalcante Souza e Anna Lia Amaral São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os pensadores, v. 1).
- SANTOS, M. J. dos. *Os pré-socráticos*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2001.